



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

EDUCAÇÃO ANDRÓGINA: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL DE INTEIREZA HUMANA.

Elayne Karina Peres Batista
Mestranda em Educação - UFRN

Resumo

Percebemos que muitos dos modelos educacionais, reproduzidos por nossa sociedade, trabalham para a divisibilidade do ser, fragmentam e aprisionam o humano, definem papéis distinguindo o que é próprio e adequado para o homem e para a mulher, para o feminino e para o masculino. Mas será possível conceber uma educação que desnaturalizando feminino e masculino toma o ser humano em sua inteireza? É isso que pretendemos neste trabalho, fazer a exposição dos resultados de uma pesquisa bibliográfica da brasilidade sertaneja, a partir do mapeamento das falas, das vivências e das definições do masculino e do feminino no sertão de Rosa e propor uma educação que se aproxima da androginia, sinônimo de completude e de vida.

Palavras-chave: Educação Andrógina, Inteireza Humana, Divisibilidade do Ser

Pensar uma Educação Andrógina é pensar uma educação plena, uma educação que retoma a força do amor sem distinguir masculino e feminino, nutrindo e humanizando o ser sem fragmentá-lo. É isso que pretendemos neste trabalho. Divulgar a proposição de uma educação que se aproxima da androginia, sinônimo de completude e de vida.

Tal concepção surgiu a partir de uma pesquisa desenvolvida durante a graduação em Pedagogia, enquanto bolsista de iniciação científica do Grupo de Pesquisas Sertania, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Objetivando problematizar os modelos educacionais fadados que não se adequam a nossa realidade e mesmo assim são vigentes em nossa sociedade, dentro e fora das escolas, e buscando pensar uma educação mais humana, mais brasileira, pensada para nós e a partir de nós.

Apresentamos neste trabalho a culminância desta pesquisa. Os resultados ora obtidos, mas não esgotados, de uma concepção educacional encontrada e concebida a partir da brasilidade, do Brasil de dentro, do sertão.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica tendo a ousadia de problematizar a configuração social e educacional na obra de Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas. Para isso seguimos um método investigativo em duas concepções, a primeira, formulada por Barbosa Jr. (2002), e a segunda, apresentada por Guizburg (1989) a partir de um paradigma indiciário. Barbosa Jr. (2002) sugere conceber o método em duas dimensões: na complexificação da consciência e no mergulhar nos aspectos do fenômeno. Tal método combina a leitura, a observação, a reflexão e o exame paciente dos aspectos evidenciados, adotando estratégias, procedimentos e instrumentos de coletas de dados. Já o Método Indiciário, segundo Ginzburg (1989), foi criado pelo médico italiano Giovanni Morelli, caracteriza-se por uma investigação que observa e analisa os pormenores reveladores possibilitando a capacidade de gerar novas descobertas do objeto investigado. Ao aplicar esses métodos, buscamos a realização de uma investigação como quem elabora estratégias em busca de vestígios, informações e fatos.

Realizamos um mapeamento sobre os modos de agir e viver, os papéis, as atribuições e distinções do feminino e do masculino no sertão brasileiro, de como tais princípios se mostram divididos e de como essa configuração se naturaliza em nossa sociedade, surgiu-nos uma questão norteadora: Como conceber uma educação que desnaturalizando feminino e masculino toma o ser humano em sua inteireza?

Para teorizar sobre a inteireza do ser humano inserimos um caráter filosófico à pesquisa, resgatando o mito do andrógino de Platão, e fazendo uma associação deste ser mítico com Diadorim, por entendermos que a personagem da obra rosiana reúne em si elementos que a tornam tão completa quanto o próprio andrógino.

A partir do mapeamento das falas, vivências e acontecimentos ao longo da narrativa, encontramos a existência de três princípios educacionais: o feminino, o masculino, e o andrógino.

No princípio masculino encontramos o macho dominador de territórios, encontramos a forte presença da cultura patriarcal. Num contexto patriarcal as verdades são acordadas socialmente, é papel do homem mandar, usar a força, sem piedade. Sentimentos mais afetuosos parecem não fazer parte do princípio masculino, a violência e a brutalidade dominam o homem sertanejo. No sertão de Rosa os homens dividem-se



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

basicamente em dois grupos: os homens de família e os homens de vida errante (NEITZEL, 2004).

Os homens que vivem de forma mais “civilizada”, que constituem família e vivem de acordo com os costumes sociais constituem um grupo em que estão os fazendeiros e trabalhadores – comerciantes e empregados da fazenda.

Contrários a este modelo social encontramos os membros pertencentes ao segundo grupo, o grupo dos homens de vida errante: os jagunços. Homens andarilhos que lutam por causas próprias, seguindo leis próprias e contrárias ao Estado.

Pertencendo a um ou ao outro grupo, os homens do sertão de Rosa podem ser resumidos em uma única palavra: poder. Do latim *potere*, poder é basicamente o ato de deliberar, agir e até mesmo mandar, exercer a autoridade por meio da influência ou da força. Também pode ser definido como a habilidade de agir não apenas sobre pessoas, mas sobre as ações delas, inclusive sobre os seus modos de pensar e viver, constituindo assim um poder intelectual, astucioso.

Em Grande Sertão: Veredas é dever do homem sertanejo possuir coragem, força, vontade e determinação para continuar com o exercício de seu poder social, seja para governar uma família, seja para liderar um bando. Assim é o ser-tão masculino, um lugar “[...] onde manda quem é forte, com as astúcias” (ROSA, 2001, p. 35).

O princípio feminino aparentemente ocultado, em uma obra escrita e narrada por homens, é explicitado interdependente desse modelo patriarcal apresentado na obra de estudo, tendo em vista que é o homem que determina o destino de suas mulheres - esposas, filhas, empregadas.

Assim como os homens, as mulheres no grande sertão de Rosa também podem ser divididas em grupos. Existe o grupo daquelas que se dedicam ao amor, vivem para possibilitar o prazer nos homens principalmente os jagunços. Existem as que levam a vida praticando benzeduras e curandeirismo, sendo denominadas de feiticeiras e bruxas e ainda o grupo das que foram criadas e conduzidas para uma vida de dedicação à família.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Há uma obediência, um consentimento do ser feminino dominado, passível a dominação do macho no primeiro grupo, na permissão do uso do corpo para o ato sexual, demonstrando que este ato pode ser um ato de cuidado e amor com o outro.

Já o segundo grupo, o das mulheres que dominam a magia da palavra através de orações e feitiços, são concebidas como seres de posse dos dons mágicos da palavra, que possuem um poder sobrenatural capaz de zelar todos que precisem de sua proteção.

O terceiro grupo, o da mulher de família ideal, é o da postura subserviente feminina, vivendo em função do homem, de suas vontades, desejos. Vivendo não para ela, mas para o outro, para agradar e permitir a satisfação masculina.

Tais modelos femininos são bastante conhecidos e estigmatizados nos sertões brasileiros, no entanto esses grupos possuem uma especificidade, algo em comum, quer sejam meretrizes, benzedeiras ou esposas fiéis e dedicadas, uma palavra resume o princípio feminino presente em Grande Sertão: Veredas: cuidar.

O ato de cuidar, de ter cuidado com alguém ou algo, parece ser exclusivo do princípio feminino. A mulher sertaneja cuida, cuida com o amor, com o prazer, com as orações, com a proteção, com o seu zelar e seu servir.

Já o princípio Andrógino foi-nos percebido como o princípio do ser-tão inteiro. Nele encontramos tudo o que é tido como dual e dicotômico: amor e ódio, violência e proteção, luta e paz, morte e vida. Sentimentos e atitudes opostas, divididos como se não pudessem habitar, não pudessem fazer parte de um mesmo ser, de um mesmo sertão.

Mas podem. Isso fica evidenciado neste terceiro princípio através da personagem Diadorim, mulher que se disfarça de homem para viver na jagunçagem. Trata-se de um ser plural, que nem é masculino nem é feminino, é diferente mas também é igual, pois é a união de ambos, é a união de tudo. Um terceiro ser que convive, habita e se habitua com características, sentimentos, atitudes ditas como opostas e que não se anulam, se complementam. Tal convivência possibilita a construção de um ser-tão completo, total, rico em complexidades e pleno em sua existência.

O Mito do Andrógino escrito por Platão em “O Banquete”, fala que no princípio os gêneros da humanidade eram três: o masculino, o feminino e o andrógino - um único



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

indivíduo com as características dos dois outros gêneros. O andrógino era um ser esférico, com quatro braços, quatro pernas e uma cabeça com duas faces situadas em lados opostos, quatro orelhas, e dois sexos. Era ágil e forte, e conhecendo todo o seu poder decidiu enfrentar os deuses, e tomar o Olimpo.

Diante de tamanha presunção e do perigo que sabiam que corriam com aqueles seres, os deuses resolveram como forma de punição separá-los e enfraquecê-los. Cortados ao meio, fragilizados, os seres se espalharam pelo mundo sem sua outra metade, incompletos, desorientados, procurando a parte que lhes faltava, buscando incansavelmente seu complemento, o alimento de sua alma, o amor e o cuidado e todo o resto fragmentado em seu outro eu.

Em Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa nos apresenta uma nova versão do andrógino. O ser-tão andrógino não apresenta as características físicas do mito platônico, mas a sua essência é a mesma. Um ser completo, ora chamado Reinaldo, ora, Diadorim, mas na verdade batizado pelo nome de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins. Um corpo, dois braços, duas pernas, uma única face multifacetada, um ser-tão comum e tão complexo.

[...] Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa de Nossa Senhora da Abadia! A Santa... reforço o dizer: Que era belezas de amor, com todo respeito, e mais o realce de algumas coisas, que o entender da gente por si não alcança. (ROSA, 2001, p.510)

Diadorim, semelhasse maninel, mas diabrável sempre assim, como eu agora eu estava contente de ver. Como era que era: o único homem que a coragem dele nunca piscava; e que por isso foi o único cuja toda coragem às vezes eu invejei. Aquilo era de chumbo e ferro. (idem, p. 444)

O santo e o profano, a maldade e a misericórdia, deus e o diabo convivendo em um único ser, os opostos que se atraem e se integram, e dessa convivência dual ressurgem um ser que não apenas vive, mas vive no e com o mundo, pois o mundo inteiro o habita. Diadorim é o próprio sertão.

Diadorim é o ser-tão andrógino, estranho, diferente, que diverge de todo o mundo, que desnaturaliza o pensamento dos encaixes sociais, e que vive a partir de sua verdade.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O ser-tão andrógino representado na obra por meio de Diadorim não apenas nos possibilitou pensar sobre o humano, sua existência e convivência com os próximos e os opostos em uma longa travessia, mas principalmente e por meio disso nos fez pensar a educação. O andrógino busca. O andrógino educa através de uma nova organização social e conseqüentemente uma nova forma de pensar e operar a educação.

E foi neste atento que identificamos uma tríade educacional no ser-tão andrógino presente na obra rosiana, uma tríade que se organiza com o “Cuidar”, “Poder” e “Buscar”. A partir dessa tríade e tomando-a como fundamento, propomos uma ideia que concebe a educação a partir da vida, da vida desnaturalizada, livre das verdades acordadas e dos encaixes sociais. Uma Educação que toma o ser humano em sua inteireza, denominamos essa concepção de Educação Andrógina.

Na perspectiva da Educação Andrógina o cuidar torna-se um ato coletivo e recíproco. Cuidar-se, cuidar de outros e ser cuidado. Um ato não apenas materno, esposal ou feminino, mas sim um ato humano.

O homem, o ser humano, em vida e para viver necessita de cuidado. O cuidar remete a aceitar, incluir, confiar, ajudar, possibilitar. A educação deve ser entendida como a própria vida, e não como algo que acontece no vazio. E se viver é estar constantemente necessitando de cuidado, a educação deve estar entrelaçada ao ato de cuidar. Ensinamos, educamos e cuidamos.

É nesse sentido que enfatizamos o ato de cuidar. Uma Educação Andrógina voltada ao cuidar, cuida do indivíduo em sua plenitude, sem distinguir o corpo da alma, pois compreende que o corpo não é aquilo que se encontra diante dos olhos, mas o que sustenta aquele que se vê. Uma educação andrógina voltada ao cuidar, cuida da vida. Talvez, essa perspectiva do cuidar como uma das raízes profundas do ato de educar materialize a ideia de que educar é feminino, mas não é coisa de mulher.

O poder na Educação Andrógina não está vinculado ao poder econômico, e sim ao ato de poder. O poder amar, o poder querer, o poder pensar, o poder dizer, o poder problematizar, o poder construir, o poder viver. Tal poder habita qualquer um que desperte para existência dessa possibilidade em si mesmo, quer seja homem quer seja mulher quer seja educador ou educando. É o ato de poder manifestando-se na busca pela



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

completude, pelo conhecimento, pela aprendizagem, é o poder motivador da fome de busca pelo alimento da alma:

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do Latim “affetare”, quer dizer “ir atrás”. O “afeto” é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o “eros” platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (ALVES, 2004, p.52)

O ato de poder é esse ato motivador da fome pelo conhecer-se, pelo libertar-se. Conhecer o outro e a si mesmo, pensar com liberdade sobre a vida e pensar a vida com liberdade, poder conquistá-la.

O ato de poder se impor, de poder duvidar do que está posto, de criar novas possibilidades, deve ser algo inerente à educação. Uma educação sem celas, sem a prisão das almas, dos corpos, livre das prisões sociais e religiosas, essa é uma das maiores propostas em uma educação andrógina.

O ato de buscar também é uma constante em Grande Sertão: Veredas, a busca pela vingança, pela justiça, pelo amor, pelo conhecimento, pelo fim da travessia no encontro consigo mesmo. O buscar encontrar também está presente na androginia, na busca incessante pela outra metade, pelo outro – o alimento da alma - e pela complementação de si. Buscar significa procurar com empenho, tentar descobrir, obter, ir atrás e além.

A educação voltada para o ato de buscar propõe a descoberta das virtudes, sentimentos mais profundos inerentes ao ser humano, e mais que isso, propõe o conhecimento destes para o encontro com o equilíbrio de ambos.

Este ato de busca e de encontro não anula os aspectos negativos da vida, mas ensina a conviver com eles, gerando a completude humana. O medo, por exemplo, existe na educação andrógina, mas a presença dele não implica a ausência da coregem, e sim a consequência de uma condição vivida em um dado momento não rotineiro, desconhecido. O que queremos dizer com isso é que numa educação motivada pelo ato



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

de buscar existe a comunhão, mesmo que às vezes imperceptível, de tudo o que é tido como dual.

O amor, o ódio, o bem, o mal, deus e o diabo, convivem em um único ser, princípios aparentemente distintos se coabitam e é dessa comunhão que surge o equilíbrio entre os princípios, que revivem o andrógino.

A literatura escrita por Guimarães Rosa é carregada de brasilidade, de cultura, de educação e de vida. Com ela chegamos aos resultados acima apresentados, que nos mostram a amplitude e a necessidade que devemos ter em descobrir mais de nós mesmos e do mundo em que vivemos, pois apenas conhecendo, mergulhando nos aspectos do fenômeno é que conseguimos interpretá-los de forma mais humana e concebê-los sem tantas divisibilidades.

A Educação Andrógina que propomos neste trabalho, pode inclusive ser renomeada pelo leitor, pois o que queremos na verdade não é um novo nome para educar, mas sim uma nova forma de conceber esse educar. Queremos e aqui propomos uma educação que **cuida** para que os educandos se enxerguem como seres humanos dotados de vida e que percebam que **podem** conhecer a vida que se faz dentro e fora de si, para que a partir daí tenham a autonomia de **buscar** o equilíbrio existente em sua completude humana.

Assim concluímos que o ato de buscar deve ser tão inerente à educação quanto é aos sertanejos e ao ser-tão andrógino, e nela também devem estar presentes o cuidar e o poder, sem apartamentos ou divisões, e conjugados numa perspectiva também andrógina, possibilitando uma nova forma de se pensar e se fazer a educação.

Referências

ALVES, Rubem. Receita para se comer queijo. In: Ao professor com meu carinho. 2. ed. Campinas, São Paulo: Verus, 2004, p. 51-55.

_____. Conversas Sobre Educação. Campinas, SP: Verus, 2010.

BARBOSA JR., Walter Pinheiro. O Ethos humano e a práxis escolar: dimensões esquecidas em um projeto político Pedagógico. 203f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2002.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

BATISTA, Elayne Karina Peres. Educação Andrógina: o equilíbrio entre os princípios feminino e masculino no grande Sertão de Rosa. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação, Natal/ RN, 2012.

GINZBURG, Carlo. Sinais – Raízes de um paradigma indiciário. In. Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e historia. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

MACEDO, Neusa Dias de. Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Unimarco, 1994.

NEITZEL, Adair de Aguiar. Mulheres Rosianas: Percursos pelo Grande Sertão: Veredas. Florianópolis/Itajaí: UFSC/UNIVALI, 2004.

PLATÃO, O Banquete. São Paulo: Edições 70, 2001.

ROSA, João Guimarães. A Terceira Margem do Rio. In: _____. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 32 - 37.

_____. Grande Sertão: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.